

Carlos Medina Ribeiro

O Incrível Professor Capachinho



AGUARDA EDITORES

MIR02

Capa e fotos de C. M. R.

Este livro, juntamente com muito outros, está disponível na Internet em www.janelanaweb.com/humormedina e em www.jeremias.com.pt

Os leitores poderão comunicar com o herói desta história pelo *e-mail* jeremias@jeremias.com.pt

IMPORTANTE: desde que tal não seja feito com fins comerciais, a cópia, a reprodução ou a divulgação desta obra (no todo ou em parte) são rigorosamente... encorajadas! O autor até agradece!

Novembro de 2002

Obra registada na Inspeção Geral das Actividades Culturais com o número
1154/2002

Pedido de desculpas

Não quero deixar de pedir desculpa aos leitores pelo facto de a história que aqui se conta ser particularmente estranha - para não dizer disparatada. Os acontecimentos que se relatam são por vezes confusos e um pouco inverosímeis, mas foi exactamente assim que me foram contados, com algum nervosismo, pelo meu velho amigo Jeremias. Limitei-me a fazer uma transcrição tanto quanto possível fiel.

Como curiosidade, adiante-se que o moinho e o cão referidos existem, de facto, perto de Sintra, como se pode ver pelas fotografias. Tudo o resto bem podia ter surgido de um atribulado sonho do Jeremias numa noite tempestuosa em consequência da proximidade de uma lareira acolhedora. Nunca se sabe...

Por motivos que se descobrirão no fim da história o seu título também poderia ter sido «Capachinho & Capuchinho» .

O autor

I



Se um dia tiverem a sorte de conhecer o incrível Professor Capachinho só vão lamentar que isso não tenha acontecido há muito mais tempo!
Ora vejam se não tenho razão:

Tanto ele como a mulher, a D. Pluma, quase abandonaram a óptima casa que têm em Lisboa para irem viver para um moinho de vento, construído em 1841, numa colina da Várzea de Sintra.

O Professor deixou de vestir os fatos impecáveis que costumava usar no emprego, e agora só se sente bem com um confortável pijama de flanela azul com bolinhas vermelhas.

Sobre ele, pode ver-se quase sempre um roupão encarnado, de algodão, e, «para refinar o aspecto», - como ele diz sem se rir – nunca se esquece de completar o conjunto com um enorme laçarote (de que tem uma grande variedade) e uns chinelos de cor azul-celeste!

Bem... mas o que salta logo à vista é o seu enorme capachinho, uma incrível peruca desgrenhada e de cabelos ensarilhados. E, quando se apresenta, dizendo que se chama «Capachinho, mas de nome e não de alcunha» - fica-se confuso.

Mas ele explica logo, de muito bom humor:

- Quando nasci puseram-me o nome de Capachinho. Fiquei sendo Capachinho Terebentina. Nunca gostei muito do meu nome, pois as pessoas riam-se sempre, e tentei mudar para Capachinho da Silva. Mas não foi possível, por estar em causa um apelido. De qualquer forma, cresci sempre a pensar que talvez um dia pudesse vir a ter um capachinho verdadeiro, e tive a sorte de começar a ficar careca por volta dos trinta anos. Aos quarenta já era *uma cabeça brilhante...* e aqui me têm!

E continua, divertido:

- Também me puseram uma alcunha, evidentemente. Chamam-me «Professor Busca-Pólos».

Claro que, ao dizer isto, fica à espera que as pessoas se espantem e lhe peçam mais explicações. E ele não se faz rogado:

- Como a maior parte da gente sabe, um busca-pólos é um pequeno instrumento, em geral com o aspecto de uma pequena chave de parafusos, e que serve para se ver se uma parte de uma instalação eléctrica tem perigo ou não. Se houver perigo, acende-se uma luzinha de néon.

Fica a olhar para o interlocutor, certifica-se de que este está com atenção e interessado, e prossegue:

- Mas a minha alcunha, que vem dos tempos do liceu, tem outra razão de ser. É que eu sempre fui muito aventureiro e só falava em viajar até aos pólos da Terra. Ao princípio, até tinha pena de que fossem só dois. Mas, quando comecei a estudar o assunto, vim a saber que já muita gente lá tinha ido, pelo que não seria grande habilidade da minha parte. Além do mais, e como vêm pelo roupão que trago sempre vestido, sou muito friorento.

Normalmente, quando a conversa chega a este ponto, dá uma grande gargalhada, ajeita a gola do roupão (como se estivesse a sentir o frio polar de que está a falar), e fica a ver, deliciado, o efeito das suas palavras.

E em breve continua:

- Vim um dia a lembrar-me de uma coisa que se estudava na Escola Primária: além dos bem conhecidos *pólos geográficos* (que são os pontos onde o eixo da Terra intersecta a superfície) existem os *pólos magnéticos*. Há uma pequena diferença na localização deles, e é por isso que os utilizadores das bússolas (cujas agulhas se orientam para os

pólos magnéticos) têm de a ter em conta e fazer a necessária correcção.

Nessa altura do discurso (que repete, palavra por palavra a quem o quer ouvir), o Professor Capachinho já deu a entender a solução do mistério: fizera expedições aos pólos magnéticos da Terra!

Mas nada disso! Tratava-se apenas de uma intenção, e sempre adiada.

*

Ora o mais certo é que as conversas deste género tenham lugar perto (ou no interior) do seu moinho, pois é lá que ele se sente bem e passa a maior parte do tempo. Felizmente para ele, a mulher (a simpática D. Pluma) é muito compreensiva e acompanha-o nas suas aventuras que, como se verá e já se imagina, não são nada poucas.

*

Mas voltando atrás:

A seguir ao incrível capachinho, a coisa que salta à vista de quem o conhece pela primeira vez é o tal moinho de vento:

Tem um rés-do-chão com uma simpática lareira (quase sempre acesa, mesmo no Verão) e uma mesa redonda, feita com uma mó.



Do lado direito de quem entra (e subindo por forma a acompanhar a curvatura da parede), existe uma escada de pedra que leva ao andar do meio (onde está uma cama e uma pequena casa-de-banho) e ainda ao do topo, que tem um tecto de forma cónica e é todo forrado a madeira.

Este último compartimento é talvez o mais interessante, pois é lá que se pode admirar o gigantesco eixo talhado numa árvore da Amazónia (que gira devido ao movimento das velas) e a grande roda (também de rija madeira), provida de dentes, que acciona por sua vez o maquinismo que em tempos fazia rodar as mós.

No entanto, estas já lá não estão: encontram-se actualmente do lado de fora do moinho, encostadas à parede, e têm apenas uma função decorativa. No seu antigo lugar está agora um gerador de electricidade que o próprio Professor construiu e é o seu orgulho.

Embora seja muito barulhento, parece à primeira vista que deve produzir energia suficiente para o uso doméstico e ainda para vender à EDP.

Mas, na realidade, as coisas não se passam bem assim: não sei se sabem, mas o tecto de um moinho desse género é rotativo, para que o moleiro possa procurar a melhor posição das velas em relação ao vento. Para isso, há um cata-vento, umas rodas (que mal se vêem), umas grossas argolas de ferro (bem fixadas na parede) e uma geringonça que se move à mão para, com o auxílio de umas cordas, fazer deslocar aquilo tudo (o tecto, o eixo e as velas) para um lado e para o outro.

- Fiz uma alteração introduzindo um maquinismo de alta engenharia – explica ele quando a ocasião se proporciona –. Em vez de estar para aqui a fazer força, meti um motor eléctrico auxiliar que trata disso.

De facto, é mesmo assim que funcionam os geradores eólicos a sério. Mas o professor julga que foi ele quem inventou o sistema e ninguém o quer desiludir.

Quando a visita se prolonga por mais tempo, e se ele vê que a outra pessoa está interessada, entra em confidências:

- Tenho apenas um problema, mas hei-de resolvê-lo com tempo.

E, exibindo complexos cálculos escritos em inúmeros papeis (que guarda num dos bolsos do roupão), explica:

- Acontece que a coisa ainda não está bem afinada. Neste momento, o motor auxiliar gasta mais energia do que aquela que o gerador produz...

II

Ora o certo é que o Professor não mora no moinho apenas com a D. Pluma:

Com o passar do tempo arranjou alguns “hóspedes” que em breve se tornaram amigos inseparáveis e que ele tem muito prazer em apresentar a quem por lá aparece:

- Para começar, temos o Orelhuças. Que diabo! Onde é que ele se meteu?!

Trata-se de um coelho que um dia para ali entrou fugindo aos caçadores. Começou por se mostrar muito assustado, mas o ar simpático dos donos do moinho deve tê-lo sossegado.

- O maroto já percebeu que aqui vai morrer de velho, porque ninguém lhe faz mal. O único problema é que me come as alfaces todas. Mas também é saudável, pois têm vitaminas e sais minerais, e o rapaz fica mais rijo!

O rapaz! É assim que ele se refere ao coelho!

Mas não fica por aqui:

Um pouco ao longe, podemos em geral ver uma ovelha a comer a erva:

- É a Maria Lãzuda – explica o Professor –. E a razão do nome é fácil de perceber.

De facto, a bicha tem pêlo que nunca mais acaba, todo ensarilhado e que chega até ao chão!

As pessoas, quando a vêem, costumam perguntar porque é que não a tosquam para aproveitar a lã. E a resposta do Professor é espantosa:

- Que horror! Nunca faço isso! Ou antes, só faço quando ela mo pede.

E explica a estranha frase:

- Se a natureza a fez assim, lá teria decerto as suas razões. Aliás, as mesmas pelas quais eu visto pijama de flanela e roupão de algodão. O frio é uma sensação terrível e tem de ser respeitada! Mas, de facto, às vezes a lã fica muito comprida, começa a incomodar a Maria, e então é preciso cortar um bocadinho. Nessas alturas, ela mesma vai buscar a tesoura na boca e ma traz.

As pessoas não acreditam muito nesta segunda parte da história mas ele também não se importa. Depois, explica que a função da ovelha é essencialmente a de *máquina ecológica de cortar relva* e, cada vez mais entusiasmado, leva-nos a dar uma pequena volta para continuar a apresentar a sua família adoptiva:

- Ali ao fundo, deitada e a ruminar, vê-se a vaca Pintarola. Demos-lhe esse nome por causa das pintas. Mas eu nunca me lembro se ela é branca com pintas pretas ou preta com pintas brancas.

Ninguém se preocupa muito com isso, mas às vezes as pessoas reparam que a vaca está cheia de leite. E a pergunta vem naturalmente:

- E o Professor também não lho tira para beber ou até mesmo para vender?

Ri-se, reconhecendo que o faz, mas só porque acha que o peso a incomoda.

- Ela agradece-me sempre, dando ao rabo. Uma vez perguntei-lhe se se importava que vendêssemos o leite. Como não respondeu... E sempre é um dinheirinho que entra, não é verdade?

Quando alguém quer saber quanto lucro ela dá, o nosso amigo tira os óculos, mete a mão no bolso esquerdo do roupão, saca de mais uma montanha de papeis, consulta-os e esclarece:

- Bem... para ser sincero, este negócio ainda tem de ser melhorado. Pelas minhas contas, o dinheiro da venda do leite é metade do que gastamos na ração. Mas já esteve pior, já esteve pior...

De facto, e se não fossem as reformas que ele e a mulher ganham, não sei como é que aquele casal viveria!

*

Há ainda um cão branco, chamado Spin, que passa quase todo o dia a dormir. Mas este, por ter muito que se lhe diga, será apresentado mais adiante.

Um dia o Professor confidenciou-me uma coisa espantosa:

- Vais-me prometer que não te ris do que te vou dizer, ouviste?

E contou-me que tinha encontrado uma velha sela de cavalo numa loja de velharias ali na zona. Estava a precisar de alguns arranjos (que a D. Pluma se oferecera para fazer) e adquirira-a por um preço muito baixo.

Claro que comecei logo à procura de um cavalo ou de um burro, mas só havia por perto, e a rressonar, o tal cão baixinho e felpudo.

Então para quem seria a sela?!

- É para a Pintarola –. Foi a espantosa resposta!

Julgo que nunca ninguém viu uma vaca com sela. Mas eu vi: o Professor, aproveitando para me levar a conhecer um bonita arrecadação toda feita em pedra, foi comigo buscar o apetrecho. A sela era pesada, e os dois levámo-la com alguma dificuldade, perante o sorriso compreensivo da D. Pluma.

Depois, aproximámo-nos do pachorrento animal, e ele nem se mexeu quando lhe pusemos aquilo no lombo!

Para meu espanto, o Professor não pretendeu apenas mostrar-me como encaixava bem no dorso da vaca: quis também apertá-la devidamente, e comecei a desconfiar que se preparava para a montar!

Deu então uma palmadinha no pescoço da bicha e ela, pelos vistos já habituada, pôs-se em pé, calmamente e sem estranhar as maluquices do dono.

A cilha foi então passada e apertada como mandam as regras. Ah! E havia estribos de um lado e de outro; e até umas rédeas apareceram, já não sei de onde!

Nessa altura passou-se uma coisa engraçada:

O nosso amigo olhou para o sol, que já ia baixo no horizonte, e comentou:

- Ainda falta cerca de um quarto de hora para ele se pôr...

Mal acabara de dizer isso (frase para a qual não achei motivo), aliviou o cinto do roupão, meteu um pé num estribo e, sem pedir a minha ajuda, içou-se valentemente!

Depois, empunhando as rédeas, baixou-se até ficar com a boca perto da orelha direita da Pintarola, e sussurrou:

- Vamos, bichinha linda! É só uma voltinha, não te cansas nada...

E o certo é que, abanando o rabo, o animal lá começou a andar!

Pensando bem, e pelo que eu via, talvez não houvesse grandes motivos para que as pessoas não utilizassem vacas e bois para se locomoverem. E o Professor ali andou, feliz e contente, dando voltas ao moinho, muito admirado por eu não querer experimentar! Só que, para meu espanto, continuava a olhar repetidamente para o sol.

E foi a D. Pluma quem me esclareceu, em voz baixa, quando ele estava afastado:

- Sabes? É que o Capachinho está cheio de vontade de ir para a estrada. Mas só costuma fazer isso quando começa a fazer-se escuro e já não corre o risco de que o vejam.

Para ser sincero, pareceu-me que ela estava a exagerar um pouco, pois o nosso amigo não devia ser pessoa para se preocupar muito com o que os vizinhos pudessem pensar ou não pensar.

O certo é que, quando começou a ficar escuro (e enquanto a mulher recolhia a Lãzuda), ele encaminhou a vaca para a rua e em breve davam pequenas corridinhas que muito o divertiam!

De súbito, com uma palmada na testa, deu a entender que se tinha esquecido de alguma coisa importante. Voltou para o pé de nós, mas a D. Pluma, sabendo do que se tratava, já vinha a caminho. A boa senhora trazia, debaixo do braço

e pronta a colocar, uma armação com o equipamento que faltava:

Um farol e quatro pisca-piscas!

E, enquanto ajudava o marido a colocar aquilo tudo (e vendo-me de boca aberta), esclareceu-me:

- A esta hora já não costuma passar aqui a polícia. Mas nunca se sabe... E ele tem medo de ser multado por falta de luzes.

III

Não foi logo nesse dia que me apresentaram devidamente o cão. O bicho estava longe dali, a dormir, e acabei por me vir embora sem sequer lhe fazer uma festa.

Aliás, nem me despedi do Professor, pois ele andava distante dali, a passear na vaca, quando chegou a hora de eu descer a rua e ir apanhar a camioneta que já se via ao longe.

No entanto, no fim-de-semana seguinte, voltei lá. Para minha surpresa, fui dar com o meu amigo sentado à lareira, com um ar muito abatido, e com a D. Pluma a providenciar sacos de borracha com gelo.

Assustei-me e vim a saber que não era caso para menos: na tarde anterior, o passeio na Pintarola acabara mal: uma bicicleta aparecera inesperadamente, seguira-se uma travagem às quatro patas, e lá fora o nosso Professor Capachinho a voar por cima dos chifres da sua transportadora!

- Fui vítima da chamada *Lei da Inércia*, meu caro amigo. Mas no fim de contas até tive sorte, não parti nada. Quem apanhou o verdadeiro susto foi a velhinha ciclista, que deitou a fugir como se tivesse visto um fantasma. Quanto a mim, até posso dizer... que *tive muita vaca!*

IV



Mas falemos então do cão. Como, pelos vistos, todos os animais por aqueles lados tinham alguma coisa de diferente, fiquei com curiosidade de saber o que é que naquele haveria de estranho. À primeira vista, nada. E foi isso que disse à D. Pluma quando o bicho apareceu ao pé de nós. Deu muitas voltas sobre si mesmo (como se quisesse morder o próprio rabo) e depois cheirou demoradamente os meus sapatos e meias.

A senhora riu-se, baixou-se para lhe fazer festas, e explicou-me:

- Encontrámo-lo abandonado aqui à porta, cheio de fome. É velhote (deve ter uns 14 anos) e não é nada normal. Olha, é burro como uma parede, surdo como uma porta, vê mal, é asmático, tem uma úlcera e quinze quistos, sofre de

prisão de ventre e não consegue reter o chi-chi. Enfim, nem sei como ainda está vivo!

Era fácil de ver que tanto a D. Pluma como o marido o adoravam. Peguei-lhe ao colo, e senti como era agradável o seu pelo felpudo e denso, branco como a neve e suave como algodão. E, de imediato, adormeceu! Como é que alguém pudera abandonar uma maravilha daquelas?! Talvez o antigo dono tivesse morrido...

Perguntei então à senhora a razão do estranho nome dele: Spin.

Respondeu-me:

- Trata-se de uma ideia do Capachinho. Mas ele vem aí e já te explica.

De facto, o Professor apareceu, sorriu e prontificou-se a elucidar-me:

- *Spin* é uma grandeza que se estuda em Física. De certa forma é como se as partículas com carga eléctrica girassem sobre si mesmas, criando um pequeno campo magnético.

- Não precisa de explicar mais nada! O facto de o cão andar à roda quando se aproxima de alguém...

- Pois, Jeremias, mas não é tudo – completou o Professor, sorrindo -. Falta esclarecer o aspecto da *carga*.

De facto, faltava esse pormenor científico.

Olhei então para o animal, que continuava dormir – e agora até ressonava – enroscado nos meus braços. Não me pareceu que tivesse qualquer carga eléctrica (electricidade estática?!) – e foi isso que comentei.

- E quem falou de *carga eléctrica*? – perguntou o meu amigo dando uma sonora gargalhada - Refiro-me à *carga de trabalhos* que ele nos dá!

V



Mas o certo é que já escrevi muito acerca do Professor (e da sua companhia) e ainda não referi o mais interessante: a incrível SALA SECRETA!

Eu já há algum tempo que suspeitava que devia haver mais *qualquer coisa* por aqueles lados, pois não era natural que o Professor, pessoa tão activa, estivesse agora apenas dedicado à mulher e aos seus animais. Sim, mas o quê?!

No entanto, se ele fazia segredo de alguma coisa, também não me parecia correcto estar a perguntar-lhe. E, por isso, tentei obter informações junto da D. Pluma.

Ela sorriu, e confidenciou-me:

- Adivinhaste, Jeremias. De facto, o Capachinho tem um pequeno segredo. Mas acho que a ti ele é capaz de o confiar. Se queres eu posso dar uma ajuda.

E foi assim que, quando estávamos os três a saborear as delícias da lareira, numa tarde chuvosa, ela disse para o marido:

- Olha lá, ó Capachinho, já que estamos aqui neste sítio, porque é que não mostras ao teu amigo *aquilo que a gente sabe?*

Ele sorriu, e percebeu-se que estava mortinho por revelar esse tal segredo.

Então, sem dizer nada, pegou com uma enorme tenaz nas achas que estavam a arder e levou-as para fora do moinho. Depois, com um pouco de água, apagou as brasas incandescentes.

Fez tudo isso em silêncio, com um ar de grande mistério e com uma cara marota. Claro que a mulher sabia muito bem o que ele estava a fazer, eu é que não.

- Achas-te então preparado para ver uma coisa incrivelmente estranha, extremamente secreta e altamente espantosa?

- Claro, Professor! – Respondi eu com grande entusiasmo.

E, enquanto ele tirava o roupão (para se mexer melhor, segundo explicou), pediu-me para fechar os olhos. Assim fiz. Não demorou mais do que alguns segundos até ouvir um sonoro *clic* e, em seguida, um desagradável ranger de dobradiças enferrujadas.

- Pronto, Jeremias, já podes olhar.

Nem eu esperava por outra coisa! E agora imagine-se a cara com que fiquei ao ver que a lareira desaparecera! Ou melhor: não foi bem a lareira que desapareceu; o que sumiu foi a parede posterior e a armação de ferro onde a lenha era posta.

Em vez disso, aparecia na minha frente um enorme buraco que se prolongava para dentro da parede que, naquela parte do moinho, tem cerca de 2 metros.

- Vamos, acompanha-me, não tenhas medo! – E, pondo-se *de gatas*, começou, embora com alguma dificuldade, a introduzir-se por ali adentro!

A D. Pluma, que continuava sentada (e que, para nos observar, interrompera a renda que estava a fazer), sorriu para mim e fez-me sinal com a cabeça para que fizesse o que o marido dizia.

Eu hesitei, tanto mais que o Professor tinha desaparecido por completo. Mas, nesse momento, ele acendeu uma luz. E em boa hora o fez, porque vi então o que me esperava e perdi o medo.

Ora aconteceu que, pouco depois de ter entrado, o nosso amigo virara à esquerda e subira por uma escada de pedra que se desenrolava paralelamente à outra, a exterior. E tudo isso se passava na espessura da parede do moinho, como julgo que expliquei.

Já eu tinha galgado alguns degraus e ainda, à minha frente, o Professor continuava a subir.

- Anda, Jeremias, mexe-te, que já falta pouco.

Quando ele me comunicou, lá de cima «Pronto! Já cá estamos!», ainda me faltava uma meia-dúzia de íngremes e

húmidos degraus de pedra e continuava sem perceber qual era o nosso destino.

Claro que não faltou muito para o saber, pois em breve eu também desembocava... numa *câmara secreta*!!

É difícil de explicar, mas, embora a minha cabeça roçasse no tecto, ali em cima o espaço era um pouco maior. Estávamos numa zona com cerca de metro e meio de largura e em que as paredes eram curvas, formando um corredor quase completamente circular.

Pelos meus cálculos, localizava-se ao nível do último andar do moinho, mas era difícil de saber ao certo pois não havia quaisquer janelas ou fendas, nem para o exterior nem para o interior.

Quando me habituei ao ar abafado e os meus olhos à pouca luz, comecei a olhar em redor. Havia uma série de aparelhos, uns velhos e outros velhíssimos, em que sobressaíam: um poeirento computador, uma máquina de cortar fiambre enferrujada, um aspirador desmontado, três patins, onze secadores de cabelo, vinte varinhas-mágicas, um telefone de manivela, uma roda de carroça, um crânio de leão... e mais uma infinidade de tralhas de que já não me recordo.

Havia ainda várias caixas (de madeira e de ferro) e alguns baús (que pareciam arcas de piratas!) de onde transbordavam as coisas mais incríveis como se estivéssemos numa casa de ferro-velho desorganizado!

Passámos no meio daquilo tudo com alguma dificuldade (pois o espaço livre, como se compreende, não era muito) e chegámos a um baú maior do que os outros e que se encontrava fechado à chave.

Em breve percebi que dentro devia haver qualquer coisa de especial, não só pelo facto de não estar aberto como os outros, mas também pelo ar de mistério que o Professor fez quando se aproximou dele.

Ajoelhou-se na sua frente e, quando julguei que o ia abrir, espalmou as mãos em cima da tampa e comunicou-me, com voz rouca:

- Temos uma pequena formalidade prévia a cumprir: põe as tuas mãos sobre as minhas.

Seguiu-se um curto juramento (eu apenas tive de repetir o que ele ia dizendo) em que me comprometi a não revelar a ninguém o que iria ver. E só muito mais tarde fui autorizado a escrever o que aqui se lê, e mesmo assim depois de ter sido tudo cuidadosamente revisto e censurado pelo Professor¹.

No entanto, o que se seguiu começou por ser uma decepção:

É que, embora tenha sido curiosa a cena do meu amigo a empunhar uma enorme chave de ferro (que trazia pendurada do pescoço por uma corrente de prata), o que eu vi aparecer no baú não pareceu ser nada de especial: apenas livros e mais livros, embora todos com aspecto muito antigo e bolorento.

O Professor pediu-me ajuda e tirámo-los rapidamente para o chão. Quando parecia que a caixa já estava vazia, ele mexeu não sei onde, fazendo saltar o fundo que, pelos vistos, era falso!

¹ Julga-se que esse facto dever ser o responsável por algumas coisas incompreensíveis nesta história – NOTA DO EDITOR

Para meu espanto, apenas lá estava um livro (mais outro!), mas o certo é que devia ser muito especial para estar de tal forma protegido.

Confesso que, durante todo esse tempo, pensei que o Professor se divertia à minha custa. Mas estava a ser injusto. Até porque, vendo bem, nada daquilo teria sido fácil de fazer se fosse só para brincar, e eu também nunca teria sabido daqueles segredos se não tivesse mostrado interesse e perguntado.

Além do mais, aquela divisão e a entrada secreta já tinham sido feitas no século XIX, evidentemente durante a construção do próprio moinho.

Como eu ia dizendo, o Professor tirou de dentro do baú o tal livro, com mãos trémulas, e deu-mo para a mão. Eram as Profecias de Nostradamus, de que eu já tinha ouvido falar mas que nunca lera.

Levantou-se e imitei-o. Mas, quando eu pensava que me ia mostrar alguma coisa de interessante, ainda procedeu a mais uma estranha operação: acendeu uma enorme vela com aspecto medieval e apagou as lâmpadas todas!

Confesso que senti um calafrio, tanto mais que nessa altura ouvi, lá em baixo, o ranger das dobradiças. Mas a explicação era fácil: a D. Pluma estava com frio, deve ter adivinhado que a nossa expedição ia ser demorada, e simplesmente fechava de novo a geringonça para voltar a acender o lume enquanto nós não descêssemos.

Ora a vela era muito grande e em breve inundava a divisão com uma luz bruxuleante mas suficientemente intensa para se poder ler.

Não perguntei porque é que o Professor fizera isso, pois era evidente, para mim, que procurava criar o ambiente que mais se adequasse a tudo o resto: os alfarrábios antigos, as paredes de pedra húmida, a passagem secreta...

Para ser sincero, as sombras pesadas que a luz da vela provocava (e as nossas, deformadas na parede curva, eram simplesmente aterradoras) não me agradavam nada. A certa altura, não consegui disfarçar que estava a tremer, e o nosso amigo, virando-se para mim, perguntou se eu estava com medo.

Disse-lhe que era só frio (como é que podia dizer a verdade?) e pedi-lhe que não se preocupasse comigo.

Então, ele começou a folhear o livro, que era enorme, e rapidamente chegou à página 666, onde o abriu.

Chamou-me então a atenção para o rodapé, onde vi uns estranhos caracteres, muito pequenos, que me pareceram escritos a lápis. Não percebi que interesse podiam ter até que o Professor pegou numa lupa e ma deu para a mão.

- Vê com os teus próprios olhos!

Assim fiz, tremendo, agora de nervosismo, pois decerto ia tomar conhecimento de algum segredo fabuloso. Que outra razão podia haver para estar de tal forma protegido?

Mas esperava-me uma surpresa ainda maior: o texto (que, de facto, lá estava e agora conseguia ver com a lente – espantoso como alguém o pudera escrever!) era em parte em português e em parte em caracteres chineses!

- O Professor consegue perceber o que aí diz? – Perguntei, cheio de curiosidade.

- Claro, amigo Jeremias! – Foi a pronta resposta –. Sou tradutor de línguas chinesas. Não sei se sabes que há várias: mandarim, cantonês... A minha segunda actividade profissional é *especialista em estatística aplicada das dimensões das rugosidades dos paralelepípedos de rua*. Mas tem pouca aplicação hoje em dia. Como as estradas estão a ser todas alcatroadas, as minhas habilitações perderam importância. De qualquer forma, o que nos interessa agora são os meus extensos conhecimentos de chinês.

Eu não o interrompi e ele continuou:

- Aqui neste texto refere-se um determinado livro que supostamente Marco Polo escreveu em mandarim. A acreditar nisto, essa obra teria sido traduzida para latim e para português por um frade capuchinho, um tal Pirolito Perdigoto, que parece que esteve na China. Nunca antes ouvi falar desse frade nem desse livro de Marco Polo, pelos vistos intitulado «Grandes Segredos da China». Mas nestas coisas nunca se sabe... nunca se sabe...

Dei-lhe razão. E, se esse livro de facto existisse (nem que fosse só na sua versão portuguesa), seria uma descoberta do maior interesse mundial!

- Então, Jeremias, já percebeste então porque é que eu deixei a casa de Lisboa e vim morar para aqui?

Tive de reconhecer que não via a relação entre uma coisa e outra, mas ele explicou-me que quase todas as coisas que eu via naquele compartimento secreto tinham sido compradas por ele ali nas redondezas, incluindo o baú que agora tínhamos aberto e que ele adquirira num antiquário de Sintra.

E também fora num alfarrabista de lá (um tal «Alfa Alfarrabista») que descobrira um velho manuscrito onde se referia o seu moinho... e a respectiva entrada para a câmara onde estávamos!

De facto, em toda aquela zona há inúmeros antiquários e lojas de velharias onde ele gasta muito tempo e dinheiro, e que, pelo menos neste caso, tinham sido bem aplicados.

Mas voltemos então ao livro de Nostradamus e à tal misteriosa anotação.

Dizia ela (e isso era a coisa mais interessante) que havia, algures, um exemplar em português do tal livro do Marco Polo que tinha, guardado entre as páginas 99 e 100, um papel onde se podia ler a verdade sobre o segredo do Motor Perpétuo!

- Quem sabe se os chineses não terão descoberto isso, que há tantos anos obceca os sábios?

Eu mantinha-me em silêncio, intrigado.

- Não dizes nada? – Perguntou o Professor em voz baixa e com um sorriso nos lábios –. Não notas qualquer coisa de muitíssimo misterioso nisto tudo?

Era incrivelmente estranho, de facto, pois, tanto quanto eu sabia há muito tempo, o Motor Perpétuo é uma coisa impossível, o que, no entanto, só ficou esclarecido quando se descobriu a Segunda Lei da Termodinâmica. Mas não quis dizer nada, para não desapontar o Professor, e deixei-o entregue ao seu entusiasmo. Ele riu-se, feliz, e comentou:

- Não há dúvida de que és distraído, Jeremias! Ora repara: se abrires um livro num sítio qualquer, hás-de ver que, à esquerda, está sempre uma página par e à direita a ímpar com o número a seguir. Assim, podes meter um papel

entre as páginas 98 e 99, ou entre a 100 e a 101; mas não podes meter nada entre a 99 e a 100 pois ambas pertencem à mesma folha! Ora, o texto que aqui vemos é bem claro: seja o que for que tenha o tal livro do Marco Polo (se é que existe), está entre uma página 99 e uma página 100! Ou é uma brincadeira de mau gosto ou trata-se de um livro impresso por um tipógrafo que ignorava essa regra de ouro da numeração!

Tive de confessar que nunca tinha reparado nesse pormenor, e a coisa agora tornava-se verdadeiramente misteriosa! Mas o certo é que pouco mais havia a fazer ali e a solução podia, por exemplo, passar por uma pesquisa na Internet. Perguntei ao Professor se tinha alguma ligação em casa, mas mostrou-se surpreso:

- Achas que isso resolvia alguma coisa? Talvez tenhas razão, eu nunca mexi nisso, mas talvez me possas ensinar.

Então, pedi-lhe para observar o computador velho para saber se lhe poderia ligar um *modem*. Ele não viu inconveniente, mostrou-se até muito agradecido, e tratei de carregar com ele pelas escadas abaixo.

Mas, primeiro, foi preciso pedir à D. Pluma que nos abrisse a saída. Na realidade - explicou-me o nosso amigo - a operação de abertura podia fazer-se de dentro. No entanto, se a lareira estivesse acesa (e era o que acontecia nesse momento), seria necessário apagá-la primeiro, e isso teria de ser feito por fora. Ou, pelo menos, ter-se-ia de retirar as achas que estivessem a arder para que não nos queimássemos.

E foi nessa altura que eu tomei contacto com outra espantosa realidade:

Para comunicar com a mulher o Professor aproximou-se da parede e mostrou-me uma coisa em que eu não tinha reparado: as bocas de vários tubos de latão, embebidos numa enorme pedra!

Não foi preciso muito para eu perceber que se tratava de *telefones* como os que ainda hoje se encontram em muitos navios. Os tubos (certamente do tempo da construção do moinho) comunicavam com o piso térreo (onde estava a D. Pluma nesse momento), com a arrecadação e com uma garagem de que ainda não falámos. E havia mais, como veremos.

Junto das bocas desses três tubos estavam outras tantas etiquetas, já muito oxidadas, e que indicavam o local com que comunicavam.

Enquanto o Professor, usando esse *telefone*, pedia à mulher que providenciasse para que pudéssemos sair, eu reparei que havia um quarto tubo sem etiqueta. Não resisti a perguntar para que servia.

- Não faço a menor ideia – respondeu-me –. E acredita que bem gostaria de saber. Aparentemente, liga a qualquer coisa muito longe. Pelo menos dá-me essa sensação, porque ao falar para dentro dele parece que estamos a falar para um buraco sem fundo.

Tratava-se, pelos vistos, de mais um mistério. Mas a sua eventual resolução teria de ficar para mais tarde, pois de momento o que me interessava era ir aquecer-me junto da lareira.

Dentro em pouco, ouvindo o ranger da entrada secreta, que se abria, descemos. Eu levava o velho computador ao colo e foi necessária a ajuda da D. Pluma para sair dali com

ele. Em seguida, coloquei-o em cima da mesa, pedi ao professor uma chave de parafusos, e sorri ao ver que ele trazia um busca-pólos no bolso do pijama.

Vi então que tinha entre mãos um velho 386, mas que, mesmo assim, seria possível ligá-lo a um *modem* e arranjar uma ligação à Internet desde que não se quisesse nada de muito especial. Tínhamos deixado na sala secreta o teclado, o rato e o monitor - que o Professor me garantiu estarem em condições de trabalhar.

- O homem que me vendeu o computador fez-me um preço especial porque, segundo me confessou, tinha vírus. Aliás, nem se pode dizer que mo vendeu: trocou-o por dois quilos de batatas que eu tinha colhido nesse dia. Nunca o usei, mas acho que pelo menos dei cabos dos vírus. Não sentes um forte cheiro vindo daí de dentro? É que eu abri a caixa, como tu estás a fazer agora, e pulverizei o interior com um forte antibiótico em *spray*.

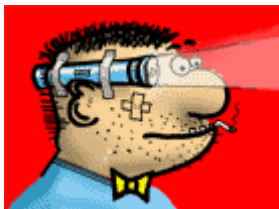
Olhei para ele e vi que não estava a brincar! Então, curioso, aproveitei o facto de a entrada secreta ainda estar aberta para voltar a subir as escadas e trazer o resto das coisas.

Em seguida, e perante o olhar atento dos dois, liguei aquilo tudo e – para nosso grande espanto – funcionou!

Não resisti e dei uma vista de olhos nos programas que estavam instalados. Tinha pouca coisa, mas era o essencial.

Prometi então voltar no fim-de-semana seguinte com tudo o necessário para dar uma nova vida àquela maquineta velha. E, como se fazia tarde, ajudei a levá-la para a arrecadação e fui a correr para apanhar a última camioneta do dia.

VI



Durante a semana que passou não tive notícias da família Terebentina. No entanto, no sábado de manhã, o Professor telefonou-me, perguntando-me se eu já tinha comprado o *modem*.

Respondi-lhe que sim, e que contava aparecer no moinho nesse mesmo dia para tratar de tudo.

- Então acho que vais ter uma grande surpresa! – Foi a sua estranha resposta. E desligou o telefone, rindo!

Como se imagina, não descansei enquanto não apareci por lá.

Fui recebido com a simpatia habitual e, sem mais perda de tempo, o Professor levou-me até à arrecadação, mostrando-me a fechadura despedaçada.

- Assaltaram-na esta noite, e vê lá tu que não demos por nada!

Eu ia a perguntar se o cão não tinha ladrado mas lembrei-me de que o bicho era surdo!

- O mais espantoso é que arrombaram a porta, andaram por aqui o tempo que quiseram, e não levaram nada de importante. O Spin deve ter dado conta mas não ladrou. Agora vê lá tu o que os ladrões fizeram!

Demorei um pouco a perceber o que se tinha passado. No entanto, quando encontrei o computador, tive uma surpresa: era outro! E, colado na caixa, um *post-it* amarelo, onde estava escrita qualquer coisa com uma letra muito má. À parte os erros de ortografia, dizia assim:

«Esta casa não tem nada de jeito para roubar! Só encontrámos porcarias. Levámos o 386, que já ninguém usa, e deixámos um 486 que sempre é um pouco melhor. Quanto ao vosso cão, estão de parabéns, é muito simpático. Só queria que lhe fizéssemos festas e passou o tempo todo a lamber-nos e a cheirar-nos. Estivemos até para o levar, mas o certo é que um cão assim tão burro não nos serve para nada».

Dei uma gargalhada. E, enquanto comentávamos o estranho caso (e pensávamos se valia a pena apresentar queixa na GNR), eu comecei a ligar os cabos e a instalar o *modem*. Pouco depois, como havia ali perto uma tomada de telefone, estávamos a navegar na Internet.

Claro que, para o entusiasmar, comecei por lhe arranjar um endereço de *e-mail*. Em seguida fizemos tudo o que é habitual, entre passear na Web e enviar mensagens de correio electrónico, que mandámos para nós mesmos, o que o Professor achou caricato mas muito divertido².

Pouco depois, a D. Pluma foi tratar do almoço e deixou-nos a sós.

Começámos, então, a fazer pesquisas e mais pesquisas que nos pudessem ajudar a resolver o mistério do suposto livro do Marco Polo e, pelo caminho, ainda nos rimos com o nome *Polo*, a propósito da alcunha do Professor («Busca-Pólos», como se recordam). No entanto não tivemos sorte.

² Ver o Anexo I, no fim deste livro

Finalmente, colocámos alguns *posts* em Grupos de Discussão, sem grandes esperanças de obter resultados, e fomos almoçar, um pouco desapontados.

Mas o certo é que era de esperar que não fosse possível descobrir em meia-hora um mistério que estivera tão bem guardado durante séculos.

Foi o que eu disse.

O nosso amigo concordou, a D. Pluma também, e passámos a dedicar toda a nossa atenção às fabulosas almôndegas com puré de batata que deviam cheirar a grande distância. Pelo menos, o Spin (que só é burro para certas coisas), apareceu logo à porta, a pedir que lhas dessem a provar!

VII



Eu prometi ao Professor que, durante a semana seguinte, visitaria a Biblioteca Nacional para procurar mais informações. Ele ficou muito satisfeito com isso, mas o certo é que não tive qualquer êxito nas minhas pesquisas (nem na Biblioteca nem – novamente – na Internet).

No entanto, quando voltei ao moinho, no sábado seguinte, fui recebido com muita alegria. O nosso amigo tinha-me pedido que levasse um antivírus para instalar no “novo” computador e íamos tratar disso.

- Sabes lá o que me aconteceu, Jeremias! - Exclamou ele ao ver-me ainda ao longe.

Eu não me admirei, pois bem sei que ele gosta muito de começar as conversas de uma forma misteriosa e depois

deixa as pessoas intrigadas imenso tempo, cada vez com mais curiosidade, o que o enche de prazer.

Resolvi dar-lhe esse gosto, e o certo é que não precisei de fingir muito, pois uma exclamação dessas (especialmente pela forma como foi proferida) gerava natural expectativa.

Levou-me então para junto da lareira e vi que tinha colocado o novo computador em cima da mesa. Estava ligado, e no monitor podia ver-se uma página de texto. Percebi que ele queria que a lesse, e assim fiz.

No entanto, em breve eu ficava embaraçado pois não percebia nada. Aquilo devia ser poesia, mas o certo é que talvez eu não tivesse conhecimentos para a apreciar devidamente. Ao ver a minha atrapalhão, a D. Pluma veio em meu auxílio:

- Não te preocupes, que eu também não entendo...

Mas em breve vim a saber o que se passara:

Antes de mais, é preciso que se saiba que o Professor é poeta nas horas vagas. Sim, escondera-me até à data essa sua faceta fabulosa: fica tempos infinitos a olhar o pôr-do-sol, o mar ou o Palácio da Pena e, de um momento para o outro, quando menos se espera, dá um salto (da cadeira ou da rede) e grita:

- Sai mais um poema!

E, antes que se esqueça, corre para o bloco de apontamentos e escreve nele o resultado da sua criatividade, aproveitando para retocar um verso ou outro.

Depois, muito feliz, mostra-o à mulher, que, invariavelmente, acha que está muito bem.

Acontecera que, com o novo computador, o bloco de apontamentos tinha passado para segundo plano, e era agora ao processador de texto que ele confiava a sua arte.

Ora, a meio da semana, veio a saber que se preparavam uns jogos florais numa colectividade da zona, e isso deu-lhe tanto gosto que resolveu concorrer com um soneto que compusera na véspera. Para mais, o anúncio do evento dizia que se podiam enviar os trabalhos por correio electrónico e ele (embora a muito custo) assim fizera.

Veja-se agora a sua felicidade quando soube que tinha ganho o primeiro prémio! Mas imagine-se também a sua cara de espanto quando viu publicada uma estranha poesia: os versos eram os mesmos do seu soneto, catorze, mas com a ordem toda trocada, o que o tornava perfeitamente incompreensível!

Mas eu, rapidamente, percebi o que se tinha passado:

Um estranho vírus atacara, e o texto inicial, pelos vistos perfeito, fora todo revirado do avesso!

- Malditos inventores de vírus! – Exclamei – Vamos já instalar um programa para limpar isto!

Mas o Professor comentou:

- Nem penses, Jeremias! Seja como for, trata-se de um vírus muito inteligente. Já reparaste que trocou tudo mas manteve as rimas? Pois é, perdi o concurso de poesia clássica, a que concorri, mas ganhei o de poesia moderna!

VIII

O certo é que o Professor encarou a peripécia com muito humor e decidiu-se a ir receber o prémio.

Eu sabia que ele não costumava andar de carro, mas àquela hora não havia camioneta e era muito longe para ir a pé.

Perguntei-lhe então, e a propósito, porque é que não tinha um carrito, nem que fosse só de dois lugares para ele e a mulher irem às compras ou passear.

- E quem te disse que não tenho carro?! – Perguntou-me, sorrindo -. Lá porque nunca to mostrei, não quer dizer que o não tenha!

De facto, o Professor nunca me tinha levado a ver a garagem, que ficava um pouco desviada do moinho. Foi então buscar a respectiva chave e conduziu-me até lá.

Ao abrir a porta, comecei por não ver nada, devido à escuridão que havia dentro. Mas, assim que os meus olhos se habituaram, fiquei fascinado:

Um fabuloso Rolls-Royce, de um negro brilhante e de faiscantes cromados, parecia olhar para nós, muito sério!

Pensando um pouco, concluí que o carro não devia andar muito, ou talvez nem saísse dali devido ao facto de, certamente, gastar imensa gasolina. Mas resolvi não dizer nada. Em vez disso, aproximei-me da porta do lado do condutor, a medo, e acariciei o punho.

- Podes abrir e entrar -. Disse o Professor.

Assim fiz, sentindo-me pequenino ali dentro. Mas já o nosso amigo se enfiara pela outra porta e se repimpara no

seu lugar. A chave estava na ignição e, ao ver o sorriso de assentimento do meu companheiro de aventuras, atrevi-me a rodá-la.

A sensação foi deliciosa. Ouviu-se um ruído suave, que nos envolveu, e nada trepidava. Afinação perfeita, portanto! Não resisti a andar um pouco, até porque a porta da garagem estava aberta e achei que o Professor não se iria importar se o automóvel percorresse uns metros no quintal.

Mas, para meu grande espanto, o carro não se moveu! Verifiquei que o travão não estava aplicado e, para maior surpresa, o ruído que se ouvia era como se estivéssemos a andar. Mas não saíamos dali!

Olhei para o Professor com um ar interrogativo e ele, dando uma sonora gargalhada, abriu a porta, desceu, e convidou-me a fazer o mesmo.

Em seguida, começou a abrir o *capot*, e percebi que queria que eu o ajudasse. «Talvez seja necessário fazer alguma afinação» – pensei.

E foi nessa altura que vi a coisa mais espantosa da minha vida: não havia motor nenhum! Em vez dele, apenas uma pequena caixa, alguns fios e três altifalantes – um normal, outro para graves e um terceiro para agudos!

Os sons eram todos gravados (o motor, a buzina, e até o chiar dos pneus!) e reproduzidos na perfeição, até porque tinham sido obtidos junto de um Rolls-Royce verdadeiro!

Eu estava embasbacado mas ao mesmo tempo um pouco triste: possivelmente tratava-se de uma herança, tendo o Professor (que, se calhar, nunca tivera dinheiro nem para a gasolina) vendido o motor e arranjado aquele artifício para salvar as aparências ou para se enganar a si mesmo.

Mas, fosse isso verdade ou apenas imaginação minha, o certo é que ele não se mostrava nada pesaroso. Antes pelo contrário: estava deliciado com a minha surpresa!

Depois, aproximando-se de um daqueles tubos de latão que lhe serviam de telefone interno, chamou a mulher, sem lhe dar qualquer explicação acerca do que pretendia.

E, dentro de poucos minutos, a simpática D. Pluma, perfeita conhecedora das maluquices do marido, aparecia com o *motor* que faltava: a pachorrenta (mas sempre eficiente e colaborante) vaca Pintarola!

IX

Não vou agora descrever o passeio que eu, o Professor e a D. Pluma demos nesse dia no Rolls-Royce puxado pela nossa amiga. A cena, que facilmente se imagina, foi extremamente engraçada e se eu, ao princípio, tive alguma pena da vaquinha, esse sentimento desapareceu quando vi a boa disposição com que ela encarava a sua tarefa.

Para mais, e em geral, o carro não ia por onde pretendíamos que fosse - mas sim por onde a marota queria: bastava que visse um tufo de erva mais saborosa... e lá parava ela! E, é claro, tínhamos de esperar que acabasse de a comer... e fazer votos para que não se deitasse a ruminar!

A solução, para evitar esses inconvenientes, era um de nós sair do automóvel e, acompanhando-a de perto, encaminhá-la para onde se desejasse.

Felizmente não fomos para a estrada. Não que ela se assustasse com isso, porque, como se sabe, era frequente ir para lá. Mas é que um dia, e apesar de já ser quase noite, passou por ali um carro da Brigada de Trânsito...

Devem imaginar a cara que fizeram os agentes ao depararem com aquele espectáculo! Na realidade, viram-se muito atrapalhados para manter um ar sério enquanto se preparavam para aplicar a multa.

Mas os homens não conseguiram encontrar nada no Código da Estrada relacionado com vacas a puxar automóveis! Para mais, um Rolls Royce é um carro de gente rica, e devem ter pensado que, apesar de parecer maluco, o Professor podia ser uma pessoa importante. Assim,

olharam... olharam... pediram os documentos... e por fim decidiram-se:

Aplicaram uma multa por dois motivos:

Pelo facto de o Professor não ter carta de condução de bovinos... e por a vaca não ter livrete!

X

Mas voltemos ao assunto do tal misterioso livro do Marco Polo.

Como se lembram, os ladrões haviam assaltado a arrecadação e levado o computador que tinha estado na câmara secreta. E tinham deixado, em troca, um outro um pouco mais recente, embora também muito antigo.

Um belo dia pensei: «Teria o assalto alguma coisa a ver com a câmara secreta ou com dados que o computador pudesse ter?»

Coloquei a dúvida ao meu amigo e ele, cofiando a barba, comentou:

- Se calhar não te enganas muito, amigo Jeremias! Recordas-te do tubo que lá começa e que ninguém sabe onde vai dar?

Eu mesmo completei o seu raciocínio:

- É isso mesmo! Seja qual for o sítio onde termine, alguém pode lá ter estado e ouvido as nossas conversas em que falávamos do computador, do livro misterioso e do segredo do Motor Perpétuo. Depois, deve também ter-nos ouvido quando decidimos trazer o aparelho para baixo. Decerto pensa que ele pode ter dados que levem à solução do segredo.

O Professor concordou:

- Olha que deves ter razão. Além do mais, eu falo muitas vezes sozinho e em voz alta, e podem ter-me ouvido alguma vez. Os gatunos, para que não fossemos à polícia, deixaram-nos em troca um outro computador melhor. De facto, está

fora de questão irmos apresentar queixa por agora, pois teria de revelar o segredo da sala secreta, o que não pretendo fazer nem por nada!

Eu tive então uma ideia genial:

Propus-me arranjar um micro-robot, colocar nele uma pequena câmara de vídeo, e fazer com que entrasse pelo tubo e o percorresse até ao fim. Então, quando chegasse ao extremo do outro lado, e se fosse uma zona com luz, poderíamos talvez descobrir qualquer coisa. Só era preciso que o fio ao qual íamos ligar o aparelho tivesse comprimento suficiente.

O Professor ficou entusiasmadíssimo com a ideia mas, para minha surpresa, disse-me que tratasse de tudo excepto do *robot*. «Ainda bem» – pensei -, pois era precisamente a parte mais difícil de pôr em prática.

Combinámos então que no dia seguinte eu voltaria. E assim aconteceu, tendo levado, além do equipamento de vídeo (um monitor e uma câmara com microfone), uma bobina com muitos metros de cabo.

Como ali por perto não havia casas, o mais provável era que o destino do tubo fosse muito longe, a menos que tivesse ido dar a algum edifício que agora já não existisse. Veríamos.

XI

Não é preciso descrever novamente as peripécias para o acesso à câmara secreta. Desta vez não se acenderam velas, e foi até com bastante luz que procedemos a todos os preparativos.

Tivemos, evidentemente, o cuidado de tapar com algodão a entrada do tubo misterioso para que ninguém ouvisse nada. Mesmo assim, as nossas conversas foram todas em surdina.

Ora eu já me tinha esquecido de que faltava a parte mais importante (o *robot* que iria ser introduzido pelo buraco) e fiquei surpreendido quando o Professor chamou a atenção para isso. No entanto, dando uma gargalhada, meteu a mão no bolso do pijama e tirou de lá qualquer coisa que não percebi logo o que era.

Depois exclamou, parcialmente em verso:

- Amigo Jeremias, apresento-te um *robot* biológico, agradável, ecológico e biodegradável!

Imagine-se a cara que eu fiz quando me deparei com um simpático ratinho branco de olhos vermelhos muito vivos, e que em menos de nada lhe subiu pela manga, depois pela barba, e se foi aconchegar no capachinho a coçar os bigodes e o nariz!

Vim então a saber que se tratava do Branquinho (mais um dos hóspedes daquela estranha família!), e que, ultimamente, o Professor o tentava amestrar para substituir o rato do computador!

Julgo que não teve êxito nessa ideia, mas agora o que se pedia ao bichinho era ainda mais complicado.

De qualquer forma, o Professor lá conseguiu colocar-lhe na cabeça, com fita adesiva, a pequena câmara de vídeo. Depois, fez-me sinal para não fazer barulho, destapou o bocal do tubo misterioso e, fazendo uma festa na cabeça do nosso novo ajudante, pô-lo a trabalhar!

Explicou-me, enquanto o animal percorria rapidamente os primeiro metros, que tinha passado a noite a treiná-lo, usando uma mangueira, no extremo da qual tinha colocado um grande pedaço de saboroso queijo limiano.

E ali ia ele agora, convencido de que encontraria também comida no fim do seu caminho, o que até poderia ser verdade!

Começámos então a olhar para o monitor, mas apenas se via escuridão. Era de prever, até porque o fio continuava a desenrolar-se... a desenrolar-se... enquanto eu só receava que pudesse não ter comprimento suficiente.

E, de súbito, o ratinho parou!

Teria ele encontrado algum obstáculo? Ou ter-lhe-iam faltado as forças para puxar aquela enorme quantidade de fio? Se assim fosse, tudo estaria perdido.

Mas não!

Ao olharmos de novo para o monitor tivemos a grande alegria de ver que o nosso precioso auxiliar tinha atingido o *fim da linha!*

E melhor ainda: olhava (possivelmente espantado) para um lado e para o outro, permitindo-nos ter uma vista panorâmica do sítio onde tinha chegado.

Então o Professor susteve a respiração:

Tendo em conta o comprimento de fio desenrolado e o que podia observar no monitor, julgou identificar o lugar como sendo uma das lojas de antiguidades onde ia muitas vezes fazer compras!

Não se via ninguém. Apenas era perceptível um vago ruído de vozes e de carros, e pudemos ver, de relance, que havia um velho trombone remendado mesmo em frente da boca do tubo.

Nessa altura, e para não despertar suspeitas, demos um puxão no fio e o Branquinho, devidamente ensinado, começou a retroceder.

O regresso do nosso companheiro demorou menos do que a sua ida. O Professor, então, recolheu-o, tirou-lhe a câmara e meteu-o novamente no bolso depois de lhe fazer muitas festas. De imediato voltou a tapar o bocal do *telefone* com algodão e pôs-se a retorcer o bigode, pensativo.

- Não nos convém, por enquanto, fazer queixa às autoridades – comentou -. É que já não era só o problema de ter de desvendar o segredo desta sala secreta; era também o risco de me acusarem de invasão de privacidade por introduzir uma câmara de vídeo em casa de outras pessoas!

Neste segundo aspecto achei que ele exagerava um pouco, mas não disse nada. Claro que o ideal teria sido que o ratinho pudesse ter ficado mais algum tempo à espreita, por forma a que tivéssemos visto alguém e até apanhado algum diálogo mais esclarecedor.

Mas, não tendo isso sido possível, havia que preparar outra forma de acção.

- Não é difícil, companheiro – disse o Professor –Tenho uma ideia genial: como acho que já identifiquei a loja, vais até lá, levas o telemóvel, e ligas-me, ainda da rua, quando estiveres perto, para eu lançar o Branquinho. Depois eu aviso-te e entras. Quando encontrares o trombone, é porque estás próximo da boca do tubo. Fazes então uma nova ligação para mim, mas não precisas de falar: dás só um toque e desligas. Nessa altura, o rato já deve estar perto de ti. Através da câmara de vídeo que ele leva poderei acompanhar-te no desvendar do mistério, e até mesmo avisar as autoridades se vir que corres algum perigo. De resto, confio na tua coragem e capacidade de improvisação para encontrares o livro do Marco Polo (se ele existir e lá estiver, como suspeito) ou outra pista importante.

Assim foi, mas apenas no dia seguinte.

XII

Cheguei muito cedo e, quando saí do combóio, dirigi-me logo para o antiquário. Lá perto, senti que o meu coração batia com muita força e até fiquei satisfeito por a loja ainda estar fechada. Andei então um bocado a pé, para um lado e para o outro, para ver se acalmava.

Quando a loja abriu, liguei para o Professor, disse-lhe que já estava pronto, e tive de esperar até que ele chegasse à sala secreta e lançasse o Branquinho, devidamente equipado. Assim aconteceu e, passados alguns minutos - que me pareceram dias - ele informou-me de que o ratinho já estava perto da saída do tubo, pelo que eu podia entrar na casa.

Assim fiz, procurando manter um ar natural. Havia já várias pessoas no antiquário, e ninguém reparou em mim quando comecei a vaguear por ali. Como a boca do tubo se devia encontrar perto de um velho trombone e só encontrei um, dirigi-me para o pé dele.

No entanto, embora tenha sido fácil encontrar o instrumento, não se passou o mesmo com o bocal do tubo *telefónico*, apesar de ele, certamente, estar muito perto.

A solução seria pedir ao Professor, por telemóvel, que desse um pouco mais de fio ao ratinho para eu ver onde é que ele aparecia. Mas não quis estar a fazer chamadas, para não atrair as atenções, e resolvi esperar mais um pouco.

Comecei então a olhar em volta, “como quem não quer a coisa”, mas sempre sem me afastar muito. De súbito, chamou-me a especial atenção uma prateleira poeirenta com uma dúzia de livros muito antigos. Não por eles ali estarem

nem por serem velhos (isso era o que se esperaria encontrar numa loja daquelas), mas por terem uma encadernação igual à das Profecias de Nostradamus que o Professor guardava no tal fundo falso da arca!

Não resisti. Aproximava-se uma situação de perigo e, arriscando-me muito, fiz uma chamada pelo telemóvel. Falando rapidamente e em surdina, pedi ao Professor que desse um pouco mais de fio para que o Branquinho aparecesse à minha vista. Como ele não podia estar longe, decerto eu havia de o localizar facilmente.

E assim foi, só que surgiu onde menos se esperaria: numa fonte de pedra, no tubo por onde a água havia de sair se ela funcionasse! Senti-me então mais sossegado, sabendo que o meu amigo me estava a vigiar no outro extremo. Além do mais, dado que tínhamos também o microfone da câmara de vídeo, eu podia comunicar com ele, embora fazendo-o só num sentido e em voz extremamente baixa para que ninguém me ouvisse.

«E se alguém quer comprar a fonte?» – Interroguei-me. Mas vi que não seria possível, pois era talhada numa pedra que fazia parte da construção da casa, estando portanto integrada na própria parede.

Voltei então de novo a minha atenção para os livros, e imagine-se como fiquei emocionado quando descobri que um deles referia o nome de Gengis Kan, outro falava do Império da China, outros ainda da Grande Muralha, da Dinastia Ming...

Mas, de súbito, senti-me gelar: alguém se aproximou de mim e me tocou num braço com brusquidão:

- Procura alguma coisa?

Virei-me e comecei por não ver ninguém. Mas, baixando os olhos, deparei com um homem de idade indefinida, pequenino, tão pequenino como nunca pensei que fosse possível existir! Mal me chegava à cintura (e eu não sou muito alto), mas não parecia ser anão.

Estava com cara de poucos amigos. Porém, talvez devido ao seu tamanho, não tive medo, recuperei a calma, e preocupei-me em desviar a atenção dele por forma a que não olhasse para a fonte onde poderia ver o Branquinho que, sentadinho na beira do tubo, coçava os bigodes!

No outro extremo do fio, vigilante, o Professor devia estar a assistir à cena pelo monitor. E, se achasse que eu corria forte perigo, recolheria o nosso *ajudante* e tomaria as providências necessárias, como combinado.

Eu então disse ao homem que era estudante de História Chinesa e que estava muito interessado em livros daqueles.

Mas o indivíduo teve uma reacção de grande desconfiança: torceu o nariz, coçou-o demoradamente (aproveitou até para tirar dele um “macaquinho”...), não escondeu o nervosismo e pareceu muito aborrecido. Depois, disfarçando, puxou-me pela manga da camisola e, tentando parecer prestável, levou-me para uma sala ao lado onde disse que haveria outros livros mais ao meu gosto.

Para que ele não desconfiasse de nada, agradeci-lhe e fiz de conta que seguia o seu conselho. Não tinha nada a perder, pois ainda era cedo e havia muito tempo para voltar atrás.

Como eu esperava, alguns minutos depois apareceram mais pessoas, o homenzinho foi atendê-las, e eu não precisei de muita habilidade para me esgueirar rapidamente para junto da estante onde estivera pouco antes. Nesse local, além

de poder aceder aos alfarrábios, podia estar de certa forma em contacto com o Professor.

Não precisei de muito tempo até encontrar um pequeno livro: era o que tanto procurávamos sem sequer saber se existia! Sim, estavam ali, ao meu alcance, os «Grandes Segredos da China»!!

Tremendo de emoção, peguei no livro e levei-o para a sala onde o homem não se importava que eu estivesse, escondendo-o por forma a que não pudesse ser surpreendido.

Agora veja-se a minha cara quando, ao folheá-lo, me apercebi de que tinha a numeração das páginas *da tal forma esquisita!* Haveria, então, alguma coisa entre as páginas 99 e 100?

Mas não tive tempo de ver. Ouvei passos, escondi o livro por baixo da camisola, e saí apressadamente para a rua.

Pensei que, de certa forma, eu me estava a comportar como um ladrão. Mas, vendo bem, talvez não fosse assim, pois quase de certeza o antiquário estava ligado aos gatunos, se é que não era mesmo um deles! Além do mais, uma vez esclarecido o mistério, eu havia de regressar à loja e colocar de novo o livro na estante. Não era provável que dessem pela falta dele se eu demorasse pouco tempo.

Encostado a uma árvore, com o coração a palpitar e os dedos a tremer, fui direito à página 99; e um velho papel, amarelado e quase a desfazer-se, caiu ao chão, a meus pés!

Apanhei-o, procurei ler o que nele se dizia, mas o texto estava em letras góticas e não consegui. Tive então a ideia de entrar numa tabacaria e tirar uma fotocópia bem contrastada. Depois, enchi-me de coragem e decidi-me a

voltar à loja para colocar de novo o livro (com o papel lá dentro) no seu lugar.

Ceguei a pensar que, se fosse possível (e para ganhar tempo), aproveitaria a câmara de vídeo para mostrar ao Professor o texto misterioso, mas ele já tinha recolhido o nosso ajudante, talvez porque tivesse receado que alguém o descobrisse.

Consegui, no entanto, colocar o livro no seu lugar (sem levantar suspeitas) e, cerca de uma hora depois, já me encontrava junto do Professor com a fotocópia na mão.

XIII

E stávamos ambos a tremer de emoção, e a leitura não parecia nada fácil. Mas valeria a pena todo o esforço que fosse necessário, pois talvez viéssemos a saber o que é que os chineses tinham descoberto em relação ao Motor Perpétuo! Podia ser que tivessem mesmo inventado um motor *aparentemente perpétuo* - que existe - usando a energia do sol ou as variações da temperatura ambiente...

E foi ali, à lareira, com a D. Pluma sorridente, que teve lugar o fim espantoso desta aventura: O Professor, depois estar de uma boa meia-hora debruçado sobre o misterioso texto, teve um súbito e terrível ataque de riso que o ia deixando sem respirar.

Levantou-se e comentou:

- O melhor é pensarmos noutra coisa para nos entretermos. Sabes o que é que aqui diz?

Não esperou que eu lhe respondesse e passou a ler, devagar, engasgando-se no esforço para conter o riso e também para adaptar o texto a português moderno:

«Caro leitor: desde há muitos, muitos anos que se sabe que o Motor Perpétuo não é possível. Acabas de ser vítima de uma partida inofensiva, mas que me deu muito trabalho a preparar».

E rematava: «Escrito por Pirolito Perdigoto, frade do Convento dos Capuchos, perto de Sintra, na terça-feira de Carnaval do Ano...»

FIM

Última hora

Quando esta obra já estava na tipografia a ser impressa, recebemos pelo correio mais dois pequenos capítulos que nos pareceram interessantes. No entanto, e dada a impossibilidade de os incluir no livro no lugar correcto, decidimos colocá-los no fim, sob a forma de Anexos.

O Editor

As lições de Internet

Gostava que tivessem assistido às explicações de Internet que dei ao Professor Capachinho!

Ele acabou por aprender o essencial, mas fez questão de traduzir para português termos como «Windows 95», «Internet», «home-page», «online», «download», «upload», «back-up», etc.

Assim, passou a falar, respectivamente de «95 janelas», «Inter-rede», «casa-da-página» (outras vezes «página-da-casa»...) «na linha», «carrega para baixo», «carrega para cima», «traseiras-superiores»...

Quanto ao famoso «WWW», desde que o viu escrito com as três letras pegadas (WWW), chama-lhe sempre «a minhoca».

O antiquário radioactivo

Ainda fizemos uma tentativa para saber se o antiquário estava ou não inocente do assalto:

Besuntámos o pelo do Spin com um produto ligeiramente radioactivo e pusemos a casota dele, durante algumas noites, junto à arrecadação, que ficou aberta. Se os ladrões regressassem, decerto lhe fariam festas e ficariam contaminados.

Uma manhã, vimos que tínhamos sido novamente "visitados".

Voltei então ao antiquário de que desconfiávamos, levando um detector Geiger escondido. Se ele fosse o assaltante, o aparelho acusaria.

Mas ainda me lembro de que, quando entrei na loja, logo na manhã seguinte, o homenzinho estava em cima de um banco (para chegar ao lavatório) e a lavar as mãos com muita fúria, resmungando muito.

Usava um produto que tinha um rótulo um pouco rasgado e que parecia dizer «Super-Descontaminador». No entanto, pensando bem, também podia ser «Super-Desconto».

ALGUMA NOTAS REFERENTES A ASSUNTOS DA HISTÓRIA

Busca-pólos

Em países como Portugal, a energia eléctrica entra em nossas casas com uma tensão (às vezes chamada "voltagem") relativamente baixa (cerca de 220V) mas que, no entanto, pode ser mortal!

Em geral, nas tomadas, há duas ligações: chamam-se "fase" e "neutro".

O neutro, como está ligado à Terra, em princípio não é perigoso (se a ligação estiver bem feita). No entanto, o mesmo não se passa com a "fase".

Se se tocar nela, uma corrente eléctrica atravessa o corpo humano em direcção à Terra e pode ser fatal. O perigo depende do tempo de exposição, dos órgãos do corpo que a corrente atravessa e da sua intensidade.

Um busca-pólos tem, em geral, a forma de uma chave-de-parafusos com uma resistência e uma lâmpada de néon no interior do punho, que é transparente.

Se se tocar com a ponta metálica numa parte da instalação em contacto com a "fase", uma corrente muito pequena (não perigosa) atravessa o nosso corpo e também a lâmpada, fazendo-a acender.

Sinal de "perigo"!

As centrais eólicas (movidas pela força do vento) têm umas pás (em geral 3) que o vento faz mover, accionando um eixo principal.

Este, por sua vez, faz rodar um gerador e a energia produzida é enviada para a rede eléctrica.

Claro que a direcção do vento pode mudar, pelo que é preciso que um pequeno motor auxiliar posicione as "velas" na direcção melhor. Já assim era com os moinhos antigos e continua a ser verdade com os geradores actuais.

A energia deste tipo é muito importante, pois o vento é gratuito e não se gastam combustíveis.

Também, por esse facto, não se polui o ar.

A Inércia

O grande físico Isaac Newton descobriu que um corpo, se não for sujeito a nenhuma força, mantém o seu estado de repouso (fica parado) ou move-se com velocidade rectilínea e uniforme (vai sempre a direito).

Logicamente, quando, na nossa história, a vaca pára de repente... o Professor Capachinho é projectado por cima dos chifres dela, é claro!

Telefones de manivela

Antigamente, para se fazer uma ligação telefónica, era necessário pedir a uma telefonista que o fizesse, e para chamar a atenção dela era necessário tocar uma campainha. Assim, os telefones tinham uma manivela que, uma vez rodada, fazia girar um enrolamento eléctrico.

Esse enrolamento movia-se entre os pólos de um íman em forma de "U" (também chamado "em ferradura"), o que gerava uma corrente eléctrica que ia fazer tocar a campainha no outro extremo.

Nostradamus foi um cavaleiro do século XVI que escreveu uns textos que pretendiam prever o futuro. Simplesmente, é tudo muito confuso, e difícil de entender...

O número 666 era considerado um número mágico, o chamado "Número da Besta" (a *Besta* era o Demónio)! Estava de certa forma associado (por oposição) ao 777, sendo este, por sua vez, considerado o número perfeito.

Motor perpétuo

Só muito tarde se descobriu que era impossível obter energia a partir de nada.

Não é possível, por exemplo, ter um gerador que produza electricidade... que depois vá fazer andar um motor... que por sua vez mantenha o gerador a trabalhar.

Uma geringonça dessas, infelizmente pararia mais cedo ou mais tarde.

No entanto, há aparelhos que *parecem* funcionar sozinhos: aproveitam as mudanças de temperatura ou de pressão atmosférica ambientes ou a energia solar.

Por outro lado, também não se deve confundir "motor perpétuo" com "movimento perpétuo".

Com um motor, obtém-se energia mecânica, que se gasta a movimentar qualquer coisa, e que por fim se transforma (em geral) em calor.

Porém, se pensarmos no movimento dos planetas em volta do Sol (ou da Lua em volta da Terra) podemos considerar que é um "movimento perpétuo" (pelo menos à escala da vida humana). No entanto, não é possível obter energia desses movimentos. Se o fosse, então os planetas iam parando à medida que lhes íamos retirando energia.

Um *modem* é um aparelho destinado a fazer comunicações de dados através de linhas telefónicas.

Transforma sinais "digitais" em sons e inversamente.

A palavra *modem* é uma "mistura" de *modulate* e *demodulate*.

Marco Polo ficou famoso pelas suas viagens e aventuras no Oriente.

No entanto, há quem pense que ele, na realidade, nunca esteve na China, pois não refere coisas tão importantes como o chá ou a Grande Muralha.

Seja como for, o livro das suas viagens é extremamente interessante e divertido.

Um truque impossível

O Professor dizia: «O caminho que o rato tem de percorrer pode ser muito longo mas eu tenho um truque para o ajudar: primeiro, ele percorre só metade da distância

e pára para descansar. Depois, percorre novamente metade do que falta e torna a parar. E assim sucessivamente!».

Bem se vê que o Professor nunca estudou Matemática, pois o que ele sugere é impossível! Se fosse a fazer o que ele diz, o rato nunca mais chegava ao destino, pois havia sempre à sua frente uma distância igual à que tinha acabado de percorrer!

A essas grandezas cada vez mais pequenas chama-se "infinitésimos".

Um "destino" como aquele para o qual tende o rato (sem nunca o atingir) chama-se "limite".

Um contador Geiger é um aparelho relativamente simples que detecta partículas radioactivas.

É constituído por um tubo metálico, cheio de gás, dentro do qual está um filamento também condutor.

Neste, é aplicada uma tensão de cerca de 1000V.

Quando uma partícula entra dentro do tubo choca com as moléculas de gás e liberta electrões, que têm carga negativa e são, por isso, atraídos para o filamento.

Assim, aparece uma corrente eléctrica que pode ser detectada.

2ª Parte

**NOVAS PERIPÉCIAS DE JEREMIAS
NO MOINHO DO PROFESSOR CAPACHINHO!**

I

O URSINHO MISTERIOSO

Desde o caso do Antiquário Miniatura que se passou muito tempo sem que eu tenha tido notícias do Professor Capachinho.

No entanto, no domingo passado, e de manhã muito cedo (estava eu no melhor do meu sono), recebi um telefonema da mulher, a D. Pluma, que me disse estar muito preocupada.

Pedia-me ela que eu fosse até lá assim que pudesse porque o marido lhe parecia, nos últimos tempos, extremamente nervoso.

Assim fiz, e ainda fui a tempo de tomar o pequeno-almoço com eles e de me deliciar com um fabuloso leite-creme que a senhora faz como ninguém, e para o qual conta com a “colaboração” da sempre prestável vaca Pintarola.

Ora, quando lá cheguei, fiquei espantado por não ser recebido pelo meu amigo, mas o certo é que, afinal, não havia grande mistério nisso:

Ele encontrava-se na *câmara secreta* (como pude concluir ao ver que a lareira que lhe dá acesso estava toda revirada) e em breve, ao aperceber-se de que eu tinha chegado, chamou-me lá de cima.

Entrei então de gatas por ali adentro, virei à esquerda para a escada de pedra e, no fim dos íngremes degraus, lá estava ele à minha espera.

No entanto, quando eu pensei que me ia receber com grande festa, reparei que estava com uma cara reveladora de grande preocupação.

Conduziu-me mais para o interior da sala curva e nessa altura pude ver, em cima de uma estreita bancada, uma coisa que nunca esperaria encontrar ali:

Um enorme urso de peluche, muito velho, e com uns pratos de músico nas “mãos”!

Não sei se estão a perceber: o boneco era mecânico e, quando se lhe dava corda, batia os pratos um contra o outro fazendo grande barulheira.

Claro que fiquei confuso por uma coisa daquelas (um brinquedo para crianças, embora muito grande) ali estar, ainda mais por se tratar de um sítio tão secreto. E o que era mais estranho era que tivesse despertado o interesse de uma pessoa já velhota como o nosso amigo!

Mas ele não precisou que lhe perguntasse nada. Pegou no boneco com alguma dificuldade (não pelo peso mas por causa do seu tamanho exagerado), deu-lhe corda e voltou a colocá-lo em cima da mesa. Mas, desta vez, em posição sentada.

Assim que o largou, o urso começou a tocar pratos, brindando-nos com uma série de nove sonoras “pratadas”. Depois parou um pouco (como se estivesse a recompor-se do esforço), voltou a executar outra série igual, e assim sucessivamente, cada vez mais devagar, até parar por falta de corda.

Senti-me a fazer figura de parvo olhando para aquilo, mas o certo é que o Professor agia de maneira muito estranha: imagine-se que empunhava um cronómetro e registava o tempo das pancadas!

Lembrei-me de fazer um ingênuo trocadilho, pensando que ele *tinha pancada*, mas contive-me e fiquei à espera de que revelasse a razão daquele comportamento tão esquisito.

Ainda voltou a repetir o procedimento todo e, por fim (sentando-se, manifestamente cansado), confidenciou-me:

- Confirma-se, caro amigo. Confirma-se o grande mistério! Não notaste nada nas sequências sonoras? Então olha para aqui.

E mostrou-me o papel onde tinha anotado os respectivos tempos.

- Código Morse, Jeremias! Puro código Morse!

Então, como se tratava de letras que eu, por acaso, conhecia bem, fez-se luz no meu espírito: três pontos, três traços e três pontos. Nada mais, nada menos do que um SOS, bem nítido e repetido!!

A partir daí mudei de atitude e comecei a pensar que a coisa, afinal, até podia ser séria.

- Muito séria – confirmou-me ele, como se tivesse ouvido o meu pensamento -. Tanto mais que o mecanismo estava avariado e fui eu que o reparei. Imagina tu há quantos anos esta mensagem angustiante está presa neste mecanismo!

Custava a crer! Não seria coincidência ou brincadeira do fabricante? O mais certo era que todos os ursos daquele género tivessem a mesma série de sons – e foi isso que comentei.

- Julgas então que não pensei nisso?! – Foi a sua resposta, num tom um pouco azedo.

E, sem mais palavras, apontou-me para um canto escuro da sala onde pude ver uma coisa espantosa que até aí me

escapara: uma boa dúzia de ursos de peluche, de todas as cores, tamanhos e feitios!

- São da mesma marca, meu caro amigo. E todos têm o mesmo mecanismo, que provoca toques monótonos e sem qualquer significado. Portanto, há que investigar! Como o pedido de socorro deve ser bastante antigo, quem o lançou pode já estar morto. No entanto, nunca se sabe, além de que é provável que o assassino ainda possa ser apanhado com a nossa ajuda!

Nem mais! Tínhamos, então, um *assassino* para caçar! Senti um arrepio pela espinha abaixo e achei que não teria coragem para investigações que me conduzissem a cadáveres sepultados em subterrâneos, a assassinos violentos, ou a coisas semelhantes que o meu espírito pacífico e sensível rejeitava.

Mas o Professor já me tinha destinado trabalho:

- Vais à Feira de S. Pedro de Sintra, que é hoje, levas o urso, e procuras a Senhora Leopoldina. Depois tentas ver se ela se lembra de quem lho vendeu.

Explicou-me onde era o posto de vendas dessa senhora e lá fui eu, muito contrariado, com o urso ao colo.

Imagina-se como os passageiros da camioneta olharam para mim quando pus o boneco, sentado como uma pessoa, no banco mesmo ao meu lado!

O condutor, para me gozar, perguntou-me se o urso pagava como adulto ou como criança. E foi uma velhota que lhe respondeu dizendo que, pelo aspecto estragado, tinha de pagar bilhete de adulto - a menos que tivesse desconto por já ser de “terceira-idade”!

Com algum esforço, procurei achar graça e entrar na brincadeira até que finalmente se esqueceram de mim. Tive a

sorte de que, chegado à Feira, ninguém me deu atenção. Encontrei em pouco tempo a tal D. Leopoldina, mas mantive-me um pouco afastado a pensar como é que havia de abordar o assunto com ela.

Mas foi a própria senhora que, vendo-me ao longe e reconhecendo o urso, me chamou, julgando que o Professor lho tinha comprado para mo oferecer e que eu o queria trocar por outra coisa qualquer.

Disse-lhe então, mas sem entrar em pormenores, que precisava de localizar quem lho tinha vendido. Mas ela começou a desconversar, a querer falar de outras coisas, e era evidente que o assunto a incomodava! E foi ao ter a certeza disso que resolvi insistir, fazendo-o durante o tempo e pela forma que fosse necessário.

Para começar, fiz-me muito simpático e, depois de muita conversa sem interesse, inventei que tinha um recado muito urgente para essa tal pessoa. Então a D. Leopoldina, muito a medo e procurando certificar-se de que ninguém a ouvia, sussurrou:

- Quem me vendeu o urso foi o criado do conde romeno...

O conde romeno? Haveria condes na Roménia?! Ou seria romano?

Mas a senhora não queria dizer mais nada. Então, peguei numa nota de 50 Euros, e fiz de conta que estava interessado em comprar-lhe qualquer coisa. Mudou de tom, acabou por me vender uma caixa de fósforos, e pareceu ficar muito contente por ter feito o seu primeiro negócio do dia.

Depois, já mais satisfeita, disse-me em voz muito baixa (e como se não estivesse a falar para mim) que o tal conde vivia num palacete que se via dali mesmo!

Enchi-me então de coragem, agradeci-lhe, e resolvi encarar de frente o problema:

Liguei por telemóvel para o Professor, fiz-lhe o relato do que havia descoberto, e pedi-lhe que viesse rapidamente ter comigo para que eu não tivesse de ir sozinho ao encontro do conde.

Mas ele desculpou-se, dizendo que estava de pijama e de roupão, o que me irritou bastante pois foi sempre nessa figura que o conheci. Desliguei, um pouco bruscamente, e lá fui eu. Tive, no entanto, a grande ideia de tirar o casaco e embrulhar com ele o boneco, com o qual me sentia cada vez mais ridículo, quanto mais não fosse porque ficavam de fora (e bem à vista) as patas traseiras.

Cheguei então a um enorme portão de ferro e, antes de ver onde era a campainha, espreitei para dentro.

Um pouco longe dali via-se uma pequena construção (devia ser a casa do guarda ou do porteiro) e, a meio, uma grande alameda empedrada cheia de ervas bravas nos interstícios.

Havia naquilo tudo um enorme ar de desleixo (se não mesmo de pobreza), e quando eu esperava ver surgir grandes cães de guarda a ladrar para mim apareceram-me quatro pindéricos gatos pretos a miar com fome.

Descobri então que havia uma sineta. Puxei por ela, e nesse mesmo instante uma cara muito branca apareceu a espreitar ao longe.

- Já vai! - Disse, com muito maus modos, quem quer que fosse esse indivíduo.

Esperei bastante tempo, até que ele surgiu, vestido de criado, todo à antiga, com uma cabeleira e uma vestimenta que deviam ter sido em tempos muito requintadas. Nessa

altura, mesmo sem querer, eu ia desatando a rir, pois o homem, talvez com a pressa, vestira a casaca do avesso!

- Não queremos comprar nada! – Berrou ele, ainda ao longe, e ao ver-me com o urso embrulhado debaixo do braço.

Gritei-lhe que não era vendedor, e respondeu-me, sempre à distância e enquanto enxotava os gatos, que o dia das esmolas era à sexta-feira!

Muito irritado, disse-lhe então que não era mendigo e que tinha um recado muitíssimo urgente para o Senhor Conde.

O homem, então, mudou completamente de atitude, aproximou-se de mim, e, sem tirar os olhos do casaco que encobria o boneco, perguntou-me se eu era nobre ou plebeu!

Tive vontade de lhe dizer que era nobre, só para que ele me levasse ao seu Senhor, mas não quis mentir e disse que era... “normal”!

Não gostou nada da expressão e, virando-me as costas, informou-me, enquanto se afastava, que Sua Excelência só recebia os *súbditos* nas sextas-feiras-13, às 13 horas!

Pareceu-me evidente que eu estava perante uma casa de malucos! Quando é que seria a próxima *sexta-feira-13*?!

Estava eu a pensar que não valia a pena insistir mais, quando tive uma ideia fabulosa:

Chamei o homenzinho e, fazendo voz grossa, perguntei-lhe:

- Oiça lá! E o senhor sabe que dia é hoje?

Apesar de ser domingo, sucedeu exactamente o que eu previa: ficou extremamente confuso e, em voz baixa, confessou que não sabia!

Disse-lhe então, contendo o riso, que era sexta-feira, por sinal dia 13, e que dentro de poucos minutos estaria a hora das audiências!

Então, resmungando, abriu o portão com grande esforço e disse-me que o acompanhasse.

Levou-me pela alameda fora e depois subimos uma grande escadaria de granito, enquanto atrás dele seguiam em *fila indiana* os gatos a quem ia tratando por nomes de cães - Nero, Verdugo, Átila e Calígula.

Enquanto resmungava qualquer coisa acerca de gatos pretos e sextas-feiras-13, conduziu-me através de longos, escuros e desertos corredores. Chegámos por fim a uma enorme sala deserta, onde me mandou esperar, deixando-me completamente sozinho e razoavelmente assustado.

E ali fiquei eu, com o urso de peluche escondido debaixo do braço esquerdo, olhando embasbacado para aqueles cortinados rotos, para os poucos móveis carunchosos e para as tapeçarias poeirentas roídas pela traça!

As janelas estavam fechadas, apesar de ainda não ser sequer meio-dia, havendo apenas, a um canto, um candelabro com umas vinte velas, das quais só duas estavam acesas. Embora a escuridão servisse para que os visitantes não se apercebessem da decadência daquilo tudo, as velas (em vez de lâmpadas eléctricas) tanto podiam ali estar por uma medida de economia como em consequência de hábitos ancestrais.

A certa altura, com um ranger de dobradiças que era de prever, abriu-se uma enorme porta ao fundo, dando acesso a uma segunda sala, um pouco mais pequena mas também muito mal iluminada.

Ao fundo dela, e para meu grande espanto, erguia-se sobre um estrado um enorme cadeirão de braços encimado por um dossel remendado, como se fosse um trono! E, sentado lá... claro que só podia ser o Senhor Conde!

Não havia mais ninguém conosco, e por acaso reparei que Sua Excelência estava com o casaco do avesso. Pareceu-me reconhecer nele o criado, mas, se fosse o caso, disfarçava muito bem; e, como a luz era pouca, também não consegui certificar-me fosse do que fosse.

Depois, quando eu, um pouco timidamente, fiz menção de me aproximar dele, Sua Excelência fez-me um ríspido sinal para que não avançasse. E ali fiquei, bastante afastado e num silêncio respeitoso, esperando que se dignasse dirigir-me a palavra.

Por fim, com um gesto enfadado, deu-me claramente a entender que queria que eu dissesse rapidamente o que me levava a incomodá-lo...

Ora, apesar de ter pensado muitas vezes no que havia de dizer, faltaram-me nesse momento as palavras necessárias. Tive então a brilhante ideia de, com um gesto teatral, destapar o urso - pois achei que isso, decerto, lhe chamaria a atenção, fazendo com que passasse a falar comigo de outra forma.

E assim foi!

Ao ver o que eu levava, deu um salto do cadeirão, gritou «O meu querido ursinho!», e veio direito a mim com a intenção manifesta de mo arrancar das mãos!

Recuei um pouco, mas com vivacidade bastante para ele perceber que não lho daria de bom grado.

Propôs-se então comprar-mo, o que eu não consegui perceber dado que, tanto quanto eu sabia, ele mesmo o havia mandado vender!

Quando, para meu máximo espanto, ele começou a chorar, eu, muito aflito e envergonhado, dei-lho de imediato para as mãos e tratei de ver como é que podia safar-me dali para fora!

Mas o Conde, fungando, fez-me sinal para que ficasse.

Então, muito nervoso, procurou nas costas do boneco a chave de dar corda, deu uma volta ou duas, e ficou a ver, muito atento, o urso a tocar pratos!

A cena podia ter vários significados, e comecei a pensar que o Conde não estava tão louco como parecia, pois era evidente que, tal como o Professor fizera, também ele procurava o sentido da sequência das pancadas!

Rapidamente identificou o tal SOS mas, longe de se dar por satisfeito, bradou:

- SOS?! Qual SOS, qual carapuça! O meu ursinho está mas é avariado! Ou antes: doente! – Berrou, esbracejando para mim como se eu tivesse alguma culpa daquilo!

Fiquei de boca aberta! Claro que em tempos o boneco estivera avariado, mas o Professor tinha-o composto. E a prova era o misterioso apelo que bem se ouvia e que o próprio Conde identificara.

Passou-se então uma coisa espantosa:

Sua Excelência sentou o urso no trono e, com uma qualquer ferramenta que não consegui ver (talvez fosse só uma tesoura) abriu o urso!

Mexeu e remexeu no interior, fazendo grande espalhafato e sempre barafustando, até que a certa altura gritou:

- Já está! Era um grão de areia!

Voltou a fechar o melhor que pode a barriga do boneco, deu-lhe novamente corda com toda a pressa, e ficou atento.

De facto, agora, era como se o urso tivesse “desembuchado”, visto que começou a tocar uma “música” muito mais longa, para grande gáudio do cavalheiro.

O Conde mantinha-se de costas para mim, e tão obcecado estava de roda do brinquedo que achei que era uma óptima altura para sumir dali. Quanto ao mistério, esse ficava por resolver, mas eu bem sabia que só nos livros é que acontece o contrário.

Quando eu já me aproximava da rua, depois de ter atravessado todo o palacete sozinho, apareceu-me novamente o criado, desta vez em passo rápido, para me acompanhar até à saída e me abrir o portão.

Pareceu-me que tinha os olhos húmidos, voltei a notar nele a casaca do avesso e a grande semelhança com o Conde, mas pensei que devia ser impressão minha. De qualquer forma, ele estava agora muito simpático e perguntou-me:

- Quer saber o que se passou? Tem por acaso aí uns 100 escudos de que não precise?

O homem nem sequer sabia que já não havia escudos! Dei-lhe 50 cêntimos (para os quais ele ficou a olhar, espantado), e ele, encolhendo os ombros e sem fazer perguntas, meteu rapidamente a moeda ao bolso e começou:

- Em tempos, há muitos anos, o Senhor Conde atravessou um período de grandes dificuldades económicas. Já pouco havia no palácio para vender quando eu encontrei o urso numa arrecadação e, sem lhe dizer nada, vendi-o também, aqui na feira. Ele veio a descobrir, ficou fora de si, mas o certo

é que já não o consegui recuperar porque não havia dinheiro para o comprar de novo.

Sentou-se num degrau, chamou os quatro gatos para o pé de si, e prosseguiu, enquanto lhes fazia festas:

- Vim então a saber o grande segredo dele: na sua juventude apaixonara-se por uma telegrafista portuguesa e resolvera oferecer-lhe uma prenda original. Sabendo que a jovem gostava de ursos de peluche, comprou aquele no aniversário dela, e alterou-o por forma a que tocasse uma “música” especial, em código Morse - que ela compreenderia muito bem. Mas o certo é que a amada não gostou e devolveu-lho. Para ele, o boneco é, portanto, uma recordação amarga mas de valor inestimável. O Senhor Conde é estrangeiro, como sabe, e embora leia e fale bem português, escreve-o com muitos erros.

E, enquanto me abria o portão, rematou, esclarecendo, finalmente, o grande mistério:

- Ele arranjou forma de o urso tocar, em Morse: «Para a minha querida, com muitos beijos e *abraSOS...*».

II

OS PEPINOS DO MAFIOSO

Como se sabe, eu visito o Professor Capachinho sempre que posso. E, como tenho a certeza de que ele não se importa, levo comigo, uma vez por outra, alguns familiares ou amigos.

No entanto, temos um acordo sagrado: eu estou proibido de falar da existência da *câmara secreta* sem a sua autorização prévia (que, no entanto, acaba sempre por dar).

De qualquer forma, no dia em que esta história começou, eu tinha ido sozinho.

Foi assim:

Tendo-se fechado na sala secreta (para poder falar sem que a mulher o ouvisse), telefonou-me, dizendo-se muito preocupado e pedindo-me que lá passasse logo que pudesse.

Sem entrar em pormenores, adiantou-me que queria a minha ajuda para procurar na Internet informações sobre a Máfia e, mais concretamente, acerca de uma tal família Pepini.

Não encontrámos nada (pelo menos com os pesquisadores que eu usei) mas, mesmo assim (ou por isso mesmo), ele não ficou sossegado:

- Hum... esse Pepini anda a dar-me cabo da cabeça... Isto ainda vai acabar mal!

Ora o mais engraçado é que ele esteve imenso tempo a falar-me do assunto (e desse tal indivíduo) sem entrar em

pormenores nem me dizer qual o verdadeiro motivo da sua preocupação.

Assim, e a certa altura, tive de lhe dizer claramente que, se quisesse que eu o ajudasse, tinha de “abrir o jogo” comigo.

Então acedeu, embora sem esconder alguma relutância, pondo como condição que eu não dissesse nada à mulher, a D. Pluma, para não a preocupar desnecessariamente.

O que vim a saber (e que a seguir se conta) foi-me narrado durante um longo passeio que demos por campos e pinhais, perto do moinho.

A certa altura, depois de muitos rodeios na conversa e no caminho, o Professor estacou e, sem conseguir conter o nervosismo, disse-me:

- Nem de propósito! Vem ali o Pepini, o grande bandido!

Assustou-me verdadeiramente, e pude ver, ao longe, um homem de motorizada que se aproximava rapidamente. Pouco depois passou por nós, deitou ao Professor um olhar faiscante, berrou «Adeus, ó careca!» e desapareceu na curva do caminho fazendo grande ruído.

Confesso que não achei graça nenhuma, especialmente quando soube que o indivíduo era, desde há algum tempo, vizinho do Professor.

- Eu sei que posso parecer ridículo – começou este, parando por momentos para acertar as ideias -, mas o certo é que ando a correr alguns riscos com as minhas plantações. E estou a ver que terei de modificar os meus hábitos alimentares por causa daquele indivíduo!

Máfia?! Hábitos alimentares?! Agora é que eu não percebia nada!

Vendo o meu ar de espanto, o Professor fez-me um sinal com a mão (como que a dizer que em breve ficaria tudo esclarecido), e prosseguiu:

- Como sabes, Jeremias, a vaca, o coelho e a ovelha – referia-se à Pintarola, ao Orelhuças e à Maria Lãzuda – comem-me as alfaces e as couves todas, além da erva. Por sua vez, os pardais comem os pimentos e os tomates, pelo que não posso cultivar nada tranquilamente.

Antes que ele continuasse, tomei a liberdade de o interromper:

- Mas porque é que não faz uma vedação para separar a agricultura da bicharada?

- Porque acho que seria uma intolerável manifestação de falta de confiança neles –. Foi a espantosa resposta que me deu.

E continuou:

- Felizmente, e na sequência de algumas pesquisas, vim a descobrir que, por um motivo qualquer, nenhum deles gostava de comer pepinos.

«São como eu!», pensei.

E o Professor, depois de se certificar de que ninguém nos podia ouvir, continuou, enquanto ajeitava o cinto do roupão - que não largava nem nesses passeios pelo campo:

- Comecei então a semeá-los, e qual não foi o meu espanto quando descobri que, à medida que iam ficando grandes e bons para comer, desapareciam um após o outro! Roubados, evidentemente!

Lançou um olhar de ódio para o sítio para onde o motociclista tinha ido e prosseguiu:

- Fiz queixa à GNR, fizeram uma busca na casa daquele malandro, e lá encontraram os pepinos roubados. Só que, além de eu ter passado a ter um inimigo perigoso (recentemente vim a saber que era um mafioso com cadastro), não consegui provar que os pepinos eram meus! O bandido jurou que os tinha comprado a uma velhota que, evidentemente, não foi possível localizar. Como sabes, quando há dúvidas, o suspeito ou o réu são beneficiados.

Eu começava a ficar preocupado, pois era evidente que o Professor e a D. Pluma corriam agora sérios riscos de retaliações!

- Consegui, por acaso, encontrar a tal velhota – continuou ele – e a mulher confirmou a versão do pirata. Possivelmente, tinha sido ela mesma quem me tinha roubado os pepinos e os tinha vendido ao mafioso. Tudo batia certo... Até o mais incrível de tudo: assim como eu me chamo Capachinho e tenho um capachinho na cabeça, também o grande maroto se chama Pepini e adora pepinos!

Com esta conversa toda tínhamos regressado ao moinho onde nos esperava, para o lanche, uma suculenta torta de maçã. Vim a saber que a D. Pluma tinha querido fazer uma de pepino (!!) mas não tinha encontrado nenhum!

«Que sorte!» - pensei eu. E, quando vi que a senhora se tinha afastado, tentei saber mais coisas.

O Professor, mesmo falando com a boca cheia, não se fez rogado:

- A certa altura, eu pensei ter descoberto uma solução científica: com os meus amplos conhecimentos de

engenharia genética e de biologia aplicada, preparei uma solução infalível: quando os pepinos, ainda pequenos, começavam a tomar forma, eu dava-lhes uma pequena injeção e eles passavam a crescer bastante mais curvos do que normalmente.

Pensei comigo mesmo se não seria esse o significado da expressão «de pequenino é que se torce o pepino» mas não o interrompi.

- Não sei se estás a ver o truque: era uma espécie de assinatura, pois ficavam com a forma da minha inicial, um “C”, de Capachinho.

Achei a ideia genial e quis saber como acabava a história. No entanto, tivemos de interromper a conversa durante algum tempo porque a D. Pluma se tinha juntado a nós e o Professor queria poupá-la a esse assunto desagradável. E só mais tarde, já na sala secreta, é que vim a saber o resto:

- Ora o grande malandro continuou a roubar-me, quer directamente, quer através da velhota. Mas, sem que ele soubesse, eu podia ver, com um periscópio que instalei na janela mais alta do moinho, o monte de pepinos que ia crescendo, e que ele julgava estar ao abrigo de olhares indiscretos. Finalmente, quando achei que estava na altura certa, chamei de novo a Guarda. No entanto, antes de ela intervir, expliquei o que se passava, e pus o graduado ao corrente das provas que eu mesmo tinha arranjado. Agora imagina tu que o indivíduo teve o descaramento de dizer que era ele quem deformava assim os pepinos!!!

- Não me diga que também lhe roubou o produto com que os injectava!

- Claro! Foi incrível! Mostrou aos guardas as ampolas e seringas que me tinha roubado, só que garantiu que eram dele!

- Mas o Professor desmascarou-o com o truque do “C”, não foi?

- Pois essa foi a parte pior, meu amigo! Quando foi levado para o Posto da Guarda Republicana o homem identificou-se como sendo *Carlo Pepini*...

2º FIM